

As charges de Zero Hora sobre as manifestações no Brasil: uma análise sobre a “opinião ilustrada” do jornalismo gaúcho

Autor: Eric Machado Raupp

Orientadora: Prof^a Dr^a Adriana Schryver Kurtz

Introdução

Em que pese seu caráter altamente popular, por usar recursos imagéticos lúdicos e por conjugar imagens e textos, a charge segue sendo pouco estudada no âmbito do jornalismo gaúcho e brasileiro. Além de comentar as principais notícias do dia, ela levanta problemas de várias ordens, como seu caráter ideológico e político, que deve expressar a linha editorial da empresa que a publica. Assim, a pesquisa visa compreender de que maneira as charges de Lotti e Marco Aurélio, de Zero Hora, retrataram as manifestações de junho e julho de 2013 no Brasil, momento sem precedentes na história recente do país.

Para tanto, analisa-se se a produção chargística apresenta o evento de forma positiva ou negativa, se destaca a questão da violência de algumas manifestações ou se dá ênfase para o aspecto da retomada cívica e política da população. A hipótese inicial é de que a “opinião ilustrada” é coerente com a linha editorial do jornal, conservadora e em geral bastante críticas à(s) esquerda(s). Ainda que as hipóteses costumem surgir a partir de um olhar mais preciso da amostra, os estudos já existentes sobre Zero Hora e o Grupo RBS salientam tanto sua condição de indústria cultural hegemônica quanto seu conservadorismo e sua relação historicamente conflitante com a esquerda em geral e os movimentos sociais (BERGER, 1998).

Metodologia

Este é um estudo de caráter qualitativo e exploratório. A primeira etapa foi o levantamento bibliográfico sobre charge, seu estatuto, características e funções. A segunda foi a coleta das 120 charges publicadas em Zero Hora de 1 de junho a 31 de julho de 2013. Delas foram extraídas 49 peças, que possuíam relação direta ou indireta com o fenômeno das manifestações. O conjunto, então, foi distribuído em cinco categorias de análise que emergem dos principais enfoques temáticos: Manifestantes e seus motivos; A figura da presidenta; A classe política; Futebol e manifestações; Violência: vandalismo e repressão. O terceiro passo foi a retomada dos protestos com base na produção jornalística da mídia brasileira. A quarta etapa, visto que a análise da charge, enquanto peça que conjuga imagem e texto e que é vista como índice de opinião do jornal ao comentar humoristicamente suas principais notícias, diz respeito à conceituação, ainda que breve, de uma abordagem semiológica.

É importante ressaltar que a análise das charges é extremamente dependente do contexto histórico, da notícia. Daí a afirmação de que as análises das charges, em seus aspectos conotativos, vão utilizar de forma intensa as próprias teorias da comunicação e do jornalismo. Para tanto, a quinta etapa elencou as teorias do Agenda Setting, do Gatekeeper e da Espiral do Silêncio, por apresentarem uma continuidade em seu conteúdo teórico, completando-se. A sexta etapa foi a análise das charges, a partir das informações levantadas nas etapas anteriores.

Referências

AUGUSTO, Cinara. Jornalismo-propaganda sob o alvo da censura. 20 anos de charge de J.C.Lôbo em jornal de Santos. Disponível em: <<http://www.clapublic.com.br/artigos/artigo11.pdf>>. Acesso em 22 de fevereiro de 2014.

BARTHES, Roland. Mitologias. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

BERGER, Christa. Campos em Confronto: a terra e o texto. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 1998.

CRUZ, Gutemberg. A charge no discurso jornalístico (s/data).

GOODWIN, Ricky. A Monovisão dos Estereótipos no Desenho de Humor Contemporâneo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

KURTZ, Adriana Schryver. A “charge ideológica” de Marco Aurélio em Zero Hora. In: Anais do XXI Encontro da Compós. Juiz de Fora, 2012.

MARINGONI, Gilberto. Humor na charge política no jornal. Revista Comunicação e Educação, São Paulo, Moderna, USP, n. 7, 1996.



Resultados

As produções apontam para uma postura demasiadamente crítica ao governo petista de Dilma Rousseff e movimentos reivindicatórios. Assim, as charges mostram como Lotti e, sobretudo, Marco Aurélio, representam de forma fiel as posições do veículo: uma cosmovisão conservadora, conforme explicitado por Kurtz (2010, 2012) e Berger (1998). Chama a atenção também a ênfase que os chargistas dão para a presidenta, que tem forte presença nas peças analisadas, sempre marginalizada, o que reforça a ideia de um machismo dos autores. Há de se notar que Marco Aurélio seleciona a violência dos manifestantes para trabalhar, atribuindo um sentido à reação policial e mostrando que ela influencia de maneira negativa a sociedade. Já Lotti trabalha uma abordagem mais “positiva e menos julgadora” da violência, ao mostrar que os policiais muitas vezes agiam sem razão e atacavam quem não tinha a menor intenção de promover a desordem. De acordo com Goodwin (2011, p. 536), “o humor pode ser reacionário ou revolucionário”. No caso da produção chargística de Zero Hora, as análises indicam a primeira opção. Dessa maneira, percebe-se o olhar negativo sobre as manifestações com destaque para a questão da violência de algumas manifestações ou a ênfase para o aspecto da retomada cívica e política da população.